

Nome percurso pedestre da Ribeira de Ladrões
Localização freguesia de Vinhais, concelho de Vinhais
Tipo de percurso Pequena Rota (PR)
Âmbito do percurso paisagem natural e agrícola
Tapada d'À Ponte (PR5) **Meiral (PR6)**
Distância 11402 m 5641 m
Duração 4 horas 2 horas
Grau de dificuldade médio alto médio baixo
Cota mínima/máxima 690 m/ 950 m 690 m/ 820 m

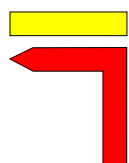
Caminho Certo



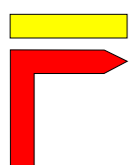
Caminho Errado



Virar à Esquerda



Virar à Direita



Castanheiro
Castanea sativa



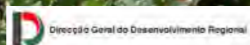
- Siga as indicações da sinalização;
- Se tem especial interesse na observação de fauna, realize o percurso às primeiras horas da manhã ou ao entardecer;
- Faça-se acompanhar de guias de campo, nomeadamente de aves e de plantas, bem como de binóculos e de máquina fotográfica;
- Muna-se de calçado e vestuário adequados, de acordo com a época do ano, bem como de um cantil de água;
- Não faça fogo;
- Não recolha plantas, animais ou rochas;
- Não abandone lixo ao longo do percurso.



Ribeira de Ladrões

Parque Natural de Montesinho

INTERREG III A PORTUGAL-ESPAÑA
SUBPROGRAMA GALIZA-NORTE DE PORTUGAL



Instituto da Conservação da Natureza



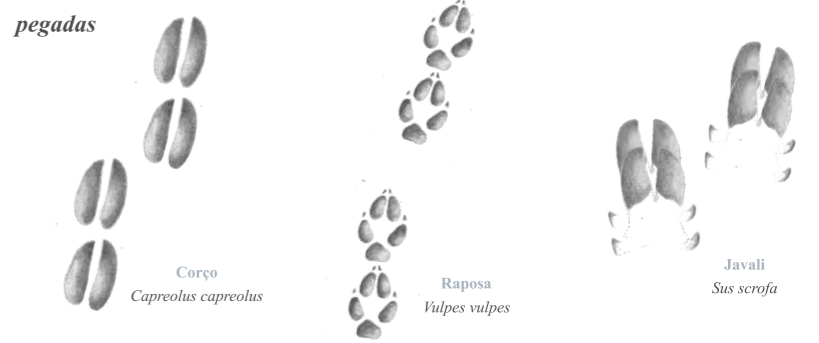
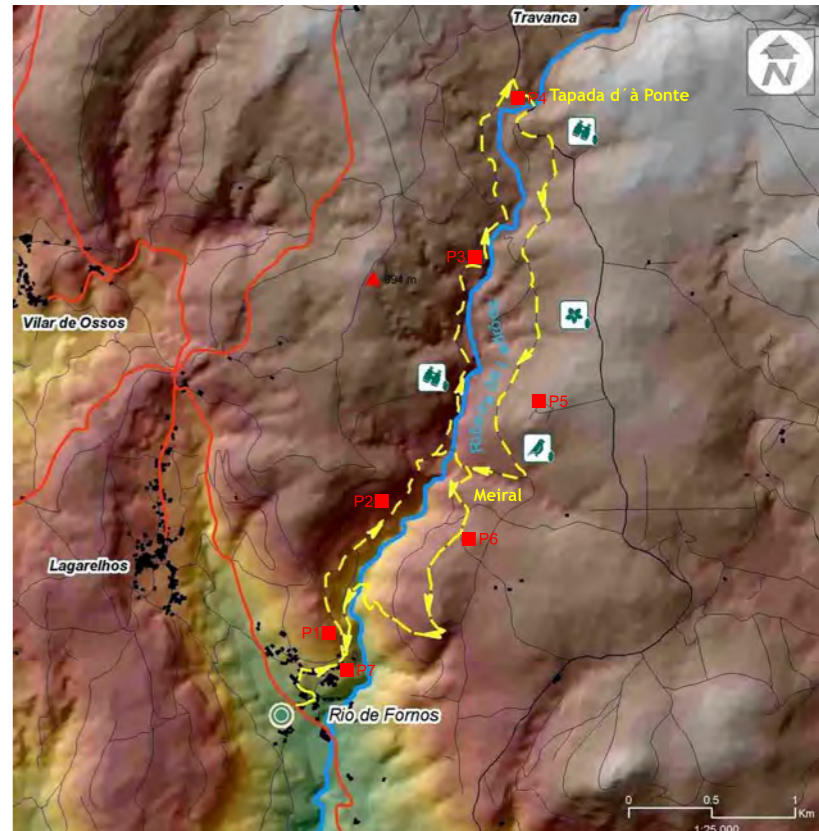
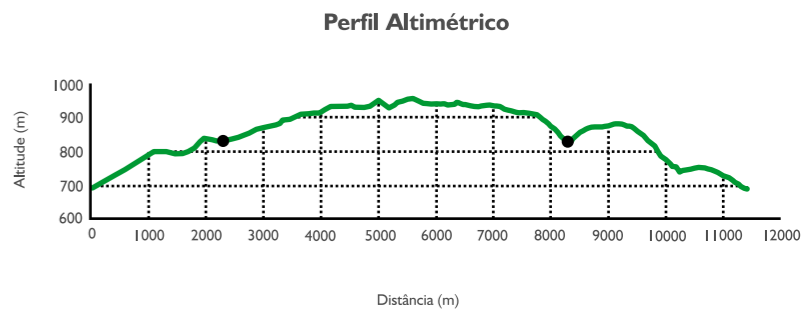
Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional

edição ICN/PNM, texto Armando Redentor, fotografia Telmo Afonso, ilustração João Cruz, design gráfico João Cruz, Marília Cardoso, cartografia Paulo Cabral, impressão Inova-Artes, Gráficas Tiragem 5000 ex. data Agosto 2005

Parque Natural de Montesinho



percurso pedestre



PR 5
PR 6

percurso pedestre da Ribeira de Ladrões



Vista do vale da ribeira de Ladrões

O percurso apresenta duas variantes, ambas estruturadas em função de um troço da ribeira de Ladrões, afluente do rio Tuela, desenvolvendo-se pelas duas encostas do vale. As variantes formam por si percursos fechados, apesar de parcialmente coincidentes. A variante longa – Tapada d'À Ponte –, com cerca de 12 km de extensão, alcança a povoação de Travanca e a curta – Meiral –, com pouco mais de 5 km, circunscreve-se, praticamente, ao sector nordeste do território agrícola imediato à aldeia. A paisagem é dominada por manchas extensas de carvalho-negral e por lameiros balizados por cortinas ripícolas, nas quais prevalece o freixo e o amieiro, flanqueando a ribeira e subindo a encosta a acompanhar todos os pequenos cursos de água seus tributários.

Posto 1 Mosaico agrícola contíguo a Rio de Fornos



Cortina e pombal

À saída da aldeia, deixando pelas costas o casario mais compacto, ora pardacento ora branqueado, numa mistura de construções vernáculas e de *maisons*, começa a descortinar-se, nos espaços livres entre as construções, cortinas que oferecem os víveres indispensáveis à alimentação aldeã, seguidas de extensa área de soutos de castanheiro, de um e outro lado do caminho, nos quais, aqui e além, se imiscuem algumas fruteiras, nomeadamente pereiras e cerejeiras, e de algumas leiras de vinha, tirando partido da exposição a nascente. No fundo do vale que o caminho segue, começa a vislumbrar-se a ribeira de Ladrões.

Posto 2 Lameiros da ribeira de Ladrões

A dada altura, o caminho leva-nos por entre lameiros, que ocupam significativa parte das encostas que flanqueiam a ribeira de Ladrões, aproximando-se do seu curso, mas ficando alguns metros acima. Estes prados permanentes são excelentes pastagens para o gado bovino, ou espaços para produção de feno, beneficiando do sistema de rega designado de *rega de lima*, que permite que se mantenham permanentemente húmidos. Bordejam a ribeira de Ladrões, que nasce nos relevos meridionais da serra da Coroa, acima da aldeia de Travanca, percorrendo uma extensão de cerca de 12 km até se encontrar, imediatamente a sul de Rio de Fornos, com a Ribeirinha, passando ambas a dar corpo ao rio de Trutas, afluente do rio Tuela. A ribeira de Ladrões é alimentada por inúmeros regatos que escorrem das encostas adjacentes e, tendencialmente, os lameiros distendem-se encosta acima acompanhando todas estas linhas de água suas tributárias, sendo orlados por matos, nomeadamente giestais, e carvalhais.

Ao longo da caminhada poderá surpreender-se pela observação de espécies como o corço, a raposa, o rato-cego ou, nas águas da ribeira, a truta.

Posto 3 Vegetação ribeirinha e moinhos



Moinho de água

O percurso prossegue ora atravessando as orlas dos carvalhais que limitam os lameiros, ora pelo topo destes, numa alternância entre áreas abertas e fechadas. Junto da ribeira, e ao longo de todo o seu curso, perfila-se uma galeria de vegetação



Lameiros



Corte do feno

própria dos meios ribeirinhos, dita ripícola, constituída por choupos, salgueiros, amieiros e freixos que se enredam entre si. No início da curva do caminho que circunda um amplo anfiteatro de lameiros fechados por parede de pedra sobreposta, vislumbra-se do lado oposto, por entre o arvoredado ribeirinho, o beirado de lousa e a porta de um moinho de água em completo abandono, cujas paredes de pedra aparecem vestidas por cimento. Mais à frente, um outro, apesar de arruinado, fixar-se-nos-á na retina, quanto mais não seja pela matriz construtiva de alvenaria insossa.

Posto 4 Tapada d'À Ponte

À medida que se avança para montante, as encostas tornam-se mais suaves e a ribeira corre por entre inúmeras leiras: umas afectas ao pascigo, onde com frequência se pode observar algum do efectivo pecuário da aldeia de Travanca, e outras ao cultivo de cereais, no regime tradicional de rotação de culturas com pousio. A compartimentação é feita por desníveis no terreno marcados com espécies de porte arbustivo, nomeadamente por carvalhos (carvalhiças) e cerejeiras bravas, quando segue as curvas de nível e por paredes de pedra no sentido oposto, descendo as encostas.

Esparsos castanheiros, nogueiras e choupos apuram-se na paisagem. Quando o circuito se orienta no sentido do regresso, depois de cruzada a ribeira de Ladrões na Tapada d'À Ponte, é possível avistar a aldeia de Travanca, implantada no alto, mais a norte, com as suas instalações pecuárias em primeiro plano.

Posto 5 Castrilhão



Castrilhão

No regresso, na direcção de Rio de Fornos, avança-se pela encosta oposta.

A determinada altura, surge destacado no rebordo do planalto que limita esta encosta um grande afloramento quartzítico. Foi o local escolhido, pelo seu posicionamento geoestratégico e de controlo visual, para instalar um povoado fortificado da Idade do Ferro: o Castrilhão de Rio de Fornos. Na silhueta do sítio inferem-se as duas plataformas que o formam, delimitadas por muralhas – de que, no local, se observam derrubes – as quais, conjuntamente com um fosso, corporizam a sua arquitectura defensiva.

Posto 6 Carvalhal e matos

Antes de se internar definitivamente no carvalhal, o percurso atravessa áreas de matos em que domina a giesta a par da carvalhiça, embora também a urze, a branca e a vermelha, marque presença.

A cota a que passa a fazer-se o percurso permite que se dilatem os horizontes. Na retaguarda, os relevos da serra da Coroa impõem-se; pela frente, sucessivas superfícies aplanadas de recorte arredondado, nas quais o registo paisagístico se faz pela alternância entre lameiros, terras agrícolas e áreas florestais, e, em dias de maior visibilidade, a serra de Bornes em último plano.

A dada altura, na aproximação à aldeia, mas antes de cruzar pela segunda vez a ribeira de Ladrões, o carvalhal acolhe o percurso, despontando pelo seu interior giestas, tojos e pilriteiros.



Serra da Coroa

Posto 7 Rio de Fornos



Solar

Chegados a Rio de Fornos, sugere-se que, se ainda houver forças para tal, se perambule um pouco pela aldeia, indo ao encontro dos residentes. Aproveite-se para fazer uma visita à igreja paroquial e ao solar, os edifícios mais notáveis desta aldeia.